

## *Ecumenismo: testemunho de graça e espiritualidade sem fronteiras*

"Superarmos a concepção pastoral de uma Igreja monolítica, na qual o direito à diferença tem sido negado em todos os grandes projetos de evangelização, é fundamental para compreendermos a Redenção de Jesus de Nazaré"

"Guardar a própria identidade e abrir-se à construção de uma Igreja efetivamente ecumênica, sinal eficaz da unidade humana, representam um desafio global e radical"

"A essência da Igreja não está no quadro institucional e burocrático, nem nos seus ministérios criados a partir de necessidades dogmáticas e históricas, mas na vida em comunhão com Deus e na afirmação do sacerdócio dos fiéis"

"O macroecumenismo é uma atitude agradável a Deus, 'ao Deus de todos os nomes, maior que todos eles'"

"A nova espiritualidade nasce da vivência pastoral — o encontro solidário com o outro, com o qual Ele nos fez parceiros e companheiros para habitar a *oikoumene*"





## Ultrapassando fronteiras

Muito se tem falado sobre o ecumenismo. Uns dizem que ele está em baixa; outros preferem pensar que está em processo de reformulação. Estejam corretas ou não as afirmativas, inegável é que novidades no campo da eclesiologia, da teologia, da pastoral — e, por que não dizer, da nova arrumação social, política, econômica e cultural do planeta — têm batido à porta de igrejas e dos cristãos, num claro desafio a uma reflexão e a uma nova forma de olhar a Missão e o Evangelho.

“Ecumenismo é conversão”, aponta o teólogo católico Sebastião Gameleira Soares, um dos articulistas desta edição. Numa cultura antiecumênica, ele chama atenção para a proposta de unidade baseada no Pentecostes: mantém-se a diversidade, “cada um em sua própria língua”, mas todos “confluem em direção a um único Nome”. A ela opõe-se aquela baseada em Babel, símbolo do Império, cuja versão atual são os grandes blocos econômicos e a globalização, em que “a unidade é a unidade do mercado”.

Outra novidade é o diálogo inter-religioso para além das fronteiras cristãs, partindo da premissa de que “Deus não é exclusivo nem patrimônio dos cristãos”, conforme reflete o teólogo anglicano José Rubens Jardimino. Essa, aliás, é uma das ênfases do macroecumenismo, termo criado e utilizado para expressar essa nova forma de celebrar e vivenciar a fé e buscar a unidade entre culturas e religiões diferentes. “Macroecumenismo é dialogar inter-religiosamente, com todas as religiões, sempre num compromisso social pelos excluídos”, propõe dom Pedro Casaldáliga.

Mas, se existem outras novidades — o surgimento e fortalecimento de novos movimentos religiosos é um exemplo contundente —, há outros aspectos que não são nada novos, mas dos quais as igrejas e os cristãos não conseguem se libertar e acabam por comprometer a missão evangelizadora. Paulo Botas revisita o livro “Igreja sem Fronteiras”, de Francisco Catão, escrito na década de 1960 e que marcou o diálogo ecumênico no Brasil, abrindo novas perspectivas de ações comuns entre os cristãos. O articulista critica a forma intolerante e intransigente como as igrejas, no decorrer da História, se apropriaram do Evangelho, e salienta que “a essência da Igreja não está no quadro institucional e burocrático, nem nos ministérios criados a partir de necessidades dogmáticas e históricas, mas na vida em comunhão com Deus e na afirmação do sacerdócio dos seus fiéis”. “O desafio ecumênico exige a superação dos nossos limites eclesiásticos”, prega.

É com esses ingredientes que CONTEXTO PASTORAL brinda os leitores nesta edição. Uma coisa é certa: o movimento ecumênico tem diante de si uma tarefa de ultrapassar fronteiras para ser fiel ao mandato de Jesus Cristo de que “todos sejam um”. Boa leitura!

## CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL  
Rua Santo Amaro, 129, Glória  
22211-230 Rio de Janeiro RJ

Senhor redator,

Sou professora da rede municipal de Curitiba. Leciono a disciplina de Educação Cristã. Li todos os depoimentos publicados na edição de março-abril/96 (nº 31) sobre a matéria.

De início gostaria de dizer-lhe que não concordo com a conotação de Educação Religiosa; porque no seu bojo já possui a discriminação que o ecumenismo repudia. Eis que a Educação Religiosa se prende mais a uma confissão, enquanto a Educação Cristã não tem nenhuma preferência por qualquer confissão religiosa, e sim pelos ensinamentos de Jesus Cristo, segundo os evangelhos.

Aqui na minha cidade, a Assintec (Associação Interconfessional de Educação Cristã) nasceu com esse propósito, mas foi aos poucos se afastando por influência dominante da Igreja Católica, perdendo sua cor interconfessional; visto que as pessoas que integram a Assintec são na sua maioria catequistas católicas.

Assisto aos cursos oferecidos pela Assintec mas com surpresa observo que são sempre as mesmas pessoas que ministram os cursos, sem renovação alguma. Ficou visivelmente claro que a orientação dos cursos é dada pelo bispo. Ainda que a Assintec use as palavras “ecumenismo” e “interconfessional”, quem determina mesmo sua atividade é ainda a Igreja Católica, como sempre o foi.

Aurea Azevedo da Silva  
Curitiba/PR

Prezada direção de CONTEXTO PASTORAL, Quero dizer-lhes que CONTEXTO PASTORAL cada vez está melhor. Ressonância: o suplemento Debate sobre “Vitória da vida sobre a morte”; o artigo tão incentivador de Marcelo Barros; o artigo de Jorge; a entrevista com o padre José Bizon. Enfim, todo o CONTEXTO desta vez foi maravilhoso!

Vamos caminhar em busca da unidade. O Ecumenismo está em marcha, e este veículo de comunicação está ajudando a fortalecê-lo. Está desvendando muitas coisas encobertas nas religiões cristãs. Gosto muito de CONTEXTO PASTORAL e estou renovando a minha assinatura anual.

Irmã Antônia de S. Leal  
Guarabira/PB

Aos redatores de CONTEXTO PASTORAL, Estou renovando a minha assinatura anual desta publicação. Ela continua notável em tratar de forma aprofundada temas que normalmente não são abordados por outros periódicos. Parabéns a toda a equipe!

Maria Isabel Ribeiro Braz  
São Paulo/SP

## CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral de  
**KOINONIA Presença**  
Ecumênica e Serviço  
(Rua Santo Amaro, 129  
22211-230 Rio de Janeiro/RJ  
Tel. 021-224-6713 e f  
ax 021-221-3016)

**Conselho editorial**  
José Bittencourt Filho  
Lúcia Leiga de Oliveira  
Tânia Mara Sampaio  
Rafael Soares de Oliveira  
Emil Schubert

**Editor**  
Paulo Roberto Salles Garcia  
(MTb 18.481)

**Editores assistentes**  
Jether Pereira Ramalho  
Magali do Nascimento Cunha

**Editora de arte e  
diagramadora**  
Anita Slade

**Redator**  
Carlos Cunha

**Digitadora**  
Mara Lúcia Martins

**Fotolito e impressão**  
Tipológica Comunicação  
Integrada

**Tiragem**  
10 mil exemplares

**Preço do exemplar avulso**  
R\$ 3,00

**Assinatura anual**  
R\$ 12,00

**Assinatura de apoio**  
R\$ 18,00

**Exterior**  
US\$ 18,00

Os artigos assinados não  
refletem necessariamente  
a opinião do jornal.

### Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens, análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito mais para você ficar por dentro do contexto. Uma publicação de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Assinatura anual: R\$ 12,00  
Assinatura de apoio: R\$ 18,00  
Exterior: US\$ 18,00  
Número avulso: R\$ 2,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral - Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.



# A HORA E A VEZ DA RECONCILIAÇÃO

ENTREVISTA COM O BISPO STANLEY MOGOBA

Por Paulo Roberto Salles Garcia

Tradução e edição: Magali do Nascimento Cunha

**O processo de reconstrução da África do Sul, com o fim do regime de segregação racial — o apartheid — depende de reconciliação e paz e envolve todos os grupos, com destaque para o papel das igrejas.**  
**CONTEXTO PASTORAL** entrevista o bispo da Igreja Metodista da África do Sul, Stanley Mogoba, destacado no país como promotor da reconciliação. Ele esteve na prisão onde Nelson Mandela foi detido e a partir daquela experiência tornou-se um dos mais importantes líderes religiosos sul-africanos

*Nu sua opinião, o apartheid chegou realmente ao fim na África do Sul?*

Sim e não. Sim, em termos de estrutura política. Tivemos eleições em todos os níveis e escolhemos um governo pela primeira vez. Muitos de nós nunca tínhamos votado em toda a nossa vida. Um processo democrático está acontecendo: temos eleições e aqueles que estão à frente do novo governo representam as pessoas que foram mais oprimidas na nossa história. Este primeiro governo é de unidade nacional, que tenta juntar os diferentes grupos no país. Isso é muito incomum nos países e realmente teve sucesso no começo; agora está enfrentando problemas. Mas estamos nos aproximando de 1999 quando teremos novas eleições gerais. Neste sentido, o apartheid se foi.

Em termos de estrutura social, ele está intacto. Porque apartheid não significa apenas leis. Ele dividiu as pessoas, colocou-as juntas em certas áreas. Hoje não se pode desmembrá-las facilmente. Começamos a ter um movimento de negros para áreas brancas, por exemplo, mas até as igrejas ainda estão divididas. Ainda há áreas que são brancas e vão permanecer por muito tempo. Há aquelas que se denominam "África Negra" e vão permanecer assim por muito tempo. Nas escolas o racismo ainda é uma realidade. Neste sentido, o apartheid não teve um fim.

Finalmente, ainda há os grupos conservadores brancos, que continuam a lutar contra a nova estrutura, e a violência em algumas partes do país é causada por eles, que usam os negros para praticá-la.

*Como explicar o passado que garantia uma situação de opressão das pessoas negras pelas brancas? Como explicar o apartheid?*

Muitos dos brancos que governavam o país começaram por legislar sozinhos, o que resultou na predominância da civili-

zação ocidental. Tudo foi introduzido desse jeito: até a linguagem era a do sistema da civilização ocidental. Assim, os negros, que eram a maioria, passaram a ter um sentimento de inferioridade e por causa disso o sistema passou a tirar vantagem deles. Mas o mais importante: o governo branco na África do Sul lentamente tomou o controle da polícia e do exército, e os negros não tinham mais o direito de se alistar. O exército passou a ser um exército branco. E assim o governo branco que assumiu, particularmente com essa postura racial quase nazista, desenvolveu a ideologia de que os negros eram inferiores e os brancos superiores,



KOINONIA

por isso os brancos deveriam legislar, deveriam governar, o poder econômico deveria ficar nas mãos deles. Eles tinham o poder da língua, o poder militar e, claro, o poder político. Na África do Sul a exclusão dos negros foi deliberada; não foi acidental. Quando os países do sul se juntaram para formar um só país em 1910, expressamente excluíram os negros. Foi assim que a terra passou a ser concedida pelos brancos e em 1913 foi decretado o Ato da Terra, que deu à população apenas 13% da terra; 87% passou a ser controlada pelos brancos. Todas as áreas eram fechadas para garantir que nada mudasse facilmente. Até hoje é difícil superar esse problema. A exclusão dos negros foi deliberadamente planejada porque a minoria branca tinha medo de que a maioria negra a expulsasse do país quando tomasse o poder.

*A imprensa internacional tem veiculado que os conflitos raciais entre grupos na África do Sul são o maior obstáculo para o fim do apartheid. Isto é verdade?*

Sim. Entre os brancos, há aqueles que tentam se opor, mudar o que está sendo construído, porém são um grupo muito

pequeno. Eles se recusam a negociar e não gostaram do acordo feito entre Mandela e De Klerk no começo do processo. Decidiram se opor a ele e lutar militarmente. Assim formaram um grupo de oposição, o qual tentou até interromper a cerimônia de posse de Mandela mas foi detido pelo exército. O grupo continuou se opondo por meio de confronto armado e quase foi bem-sucedido. Mas penso que ele está tendo cada vez menos sucesso, pois não tem apoio da maioria dos brancos. Aliás, hoje raramente deparamos com uma pessoa que tenha apoiado alguma vez na vida o apartheid. Até os que apoiaram no passado, hoje dizem que nunca o fizeram, ficam constrangidos de assumir isso. Muito poucas pessoas querem retomar este passado. A personalidade de Mandela tem ajudado bastante. Muitos brancos tinham medo dele mas hoje já o consideram um dos melhores líderes que a África do Sul já teve na história, devido ao intento de unir o povo.

*Como as igrejas participaram na luta contra o apartheid no passado? E hoje?*

Em primeiro lugar foi pelo fato de o governo do apartheid ser tão repressivo, que todos os líderes da nação foram para a prisão ou exílio. Eu fui um desses. Estive na prisão de 1963 a 1966, num total de três anos e seis meses. Era a mesma prisão em que Nelson Mandela esteve. Estávamos em diferentes setores mas era o mesmo lugar. Em alguns momentos, não havia um líder sequer atuante no país. Poderiam até estar em algum lugar no território mas não podiam atuar. Essa foi a razão pela qual os líderes das igrejas tiveram que assumir a luta contra o apartheid. Lentamente a voz deles foi se fortalecendo e se tornou muito relevante. Houve uma época em que o apartheid era apoiado particularmente pelas igrejas. Os brancos diziam que o apartheid era justificado na Bíblia e por isso foi apoiado dentro da igreja por muitos anos. Mas num determinado momento as igrejas passaram a dizer: "Não, vocês não podem fazer isso", "vocês não podem ter qualquer apoio na Bíblia para o apartheid". Até que as igrejas decretaram o apartheid como uma heresia. As igrejas se juntaram, se levantaram e disseram: "Se vocês promovem o apartheid, vocês são anti-Deus, porque Deus não pode estar do seu lado".

Hoje, os cristãos favoráveis ao apartheid são cada vez mais escassos. Os orga-

nismos cristãos têm muito claro que estamos vivenciando o melhor para a África do Sul e o que Deus gostaria para nosso povo. Isso fez com que os líderes das igrejas se tornassem realmente uma força contra o apartheid. Há muito poucos países como a África do Sul em que os líderes das igrejas são nomes destacados da nação. Nós nos tornamos relevantes quando as pessoas começaram a falar de paz e de paz por meio da justiça. Isto foi trazido pelos líderes das igrejas, juntamente com os empresários e expressões políticas, a fim de se construir esse processo na justiça sul-africana. Também as igrejas tornaram-se importantes em assegurar que a reconciliação fosse mantida.

*Como foi a experiência de ser um prisioneiro naquela época?*

Muito difícil, porque as condições na prisão eram terríveis. Possivelmente em 1963 as nossas prisões tenham sido as piores do mundo. Éramos tratados muito mal: mal vestidos, não tínhamos camas, dormíamos no chão de cimento, éramos mal alimentados, a comida era a pior possível. O terrível eram as constantes torturas físicas e os trabalhos forçados a que nos submetiam, como carregar areia, pedras e barris de madeira. Por causa do interesse internacional, alguns vieram à prisão, falaram com Mandela e com outras pessoas, e as condições lentamente começaram a melhorar.

*Como foi possível manter a esperança em meio a tanta opressão?*

Nós sabíamos que estávamos corretos. Se os brancos queriam oprimir os negros, e estávamos presos por causa disso, talvez não houvesse nenhuma esperança. Os negros não estavam dizendo "nós queremos oprimir os brancos". Eles diziam: "nós e os brancos devemos viver juntos em um país. Nós pertencemos a este país e devemos partilhá-lo". Embora fôssemos fracos, estávamos certos. Era isso que nos trazia esperança.

Eu fui chamado para o ministério na cela da prisão. Tive uma profunda experiência espiritual quando estava lá, que me ajudou a assumir o ministério pastoral. É interessante que muitos pensavam que os que estiveram na prisão por longos períodos como Mandela, iriam sair com vontade de se vingar. Mas ocorreu o contrário: as pessoas saíram para continuar lutando, defendendo a reconciliação, a unidade. Esta é a razão pela qual afirmo que Mandela é um dos mais fortes líderes que temos hoje, por causa do ideal da reconciliação que ele enfatiza.



## Igreja contesta número de mortos em Eldorado de Carajás

Quase seis meses depois do massacre dos sem-terra em Eldorado de Carajás, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) revela que podem ter sido 32, e não 19, os mortos no confronto com a polícia. "A lista oficial de mortos só tem homens. E as mulheres? E as crianças que estavam na caminhada? Estamos investigando, não vamos desistir", afirma o bispo de Marabá (PA), dom José Vieira de Lima.

A contestação da Igreja — entregue ao ministro da Justiça, Nelson Jobim — se baseia em uma investigação feita pelo padre jesuíta Luigi Muraro na região do massacre. Assistente religioso dos sem-terra nos acampamentos da Fazenda Macaxeira, padre Luigi preparou um documento em que mostra que, além dos 19 mortos cujos corpos foram identificados por parentes e amigos, outras 13 pessoas estão desaparecidas. São oito crianças, duas mulheres, um adolescente e dois homens.

## Igrejas do CMI repudiam embargo econômico a Cuba

O Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), reunido em Genebra de 12 a 20 de setembro, condenou a Lei Helms-Burton, criada nos Estados Unidos e que penaliza as nações e companhias que fazem negócios com Cuba. "É mais um ato de agressão econômica contra o povo de Cuba", destaca o documento preparado pelos 156 membros do Comitê. A nota sugere ainda que os governos dos dois países "resolvam suas diferenças através de negociação e do diálogo".

Durante a reunião, que ocorre entre as assembleias do CMI, os participantes discutiram ainda o tema da Aids e desafiaram as igrejas a desenvolverem efetivamente um trabalho pastoral com os portadores do vírus HIV e com os familiares. "Muitas de nossas igrejas continuam se recusando a fazer um acompanhamento pastoral aos doentes de Aids", denunciou Fugene Tur-

Os corpos teriam sido levados para a localidade de Porangá, a 70 quilômetros de Eldorado de Carajás. (JB)

## Entidades ecumênicas exigem "urgente reforma agrária"

"Queremos conchamar a todos os cristãos e as pessoas famintas de justiça para nos organizarmos e exigirmos da sociedade e dos governantes brasileiros a realização urgente de uma reforma agrária ampla, justa e integral". O apelo foi feito em mensagem distribuída pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese) a igrejas, a organismos ecumênicos e "a irmãos e irmãs na mesma fé cristã, às pessoas crentes de outras religiões e expressões culturais e a todos os que buscam a justiça e a paz" a propósito dos recentes episódios de Corumbiara (Rondônia) e Eldorado de Carajás (Pará), nos quais trabalhadores foram massacrados pela polícia.

Entremeado de versículos bíblicos, o documento defende

ner, da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

EUCARISTIA — A situação financeira do Conselho Mundial de Igrejas e o processo preparatório para a Assembleia de Harare, na África, também foram objeto de discussão entre os membros do Comitê Central. Continua causando polêmica a decisão da comissão que planeja a assembleia no sentido de não incluir na programação a celebração comum da Ceia do Senhor. A proposta é de que a Eucaristia se realize nas congregações locais de quatro diferentes tradições: romano-católicas, ortodoxas orientais, ortodoxas ocidentais e protestantes. "Eu não quero celebrar divisão e sofrimento, quero celebrar a unidade", defendeu o bispo Amos Omodunbi, da Igreja Metodista da Nigéria, numa crítica à decisão. Já o bispo Nifon Calarasi (Igreja Ortodoxa da Romênia) achou "razoável" a proposta da comissão. "Temos que ter coragem para ser realistas. Uma mesa única poderia frustrar aqueles cuja tradição impede que eles tomem parte", argumentou.

que "a democratização da propriedade e do uso da terra é caminho indispensável para superar a fome, para dar valor a todo o trabalho, para libertar a população do domínio dos que assentam seu poder no controle dos meios mais elementares da vida".

## CLAI revê 14 anos de fundação

Fazer a memória dos passos dados, revisar a caminhada e seguir sonhando novos horizontes. Essa foi a tônica do encontro do Comitê Executivo e do Secretariado do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), realizado em Lima (Peru) no mês de setembro. O documento final distribuído às igrejas e movimentos ecumênicos — "Carta de Lima" — apresenta um retrospecto histórico dos últimos 14 anos e faz um balanço da situação do Continente e da participação dos cristãos. "As cifras mostram que 18 dos 39 países da América Latina têm atualmente um salário por habitante inferior em relação ao que se tinha no começo de década passada. Os 30% da população da América Latina e do Caribe carece dos serviços de saúde, 20% de água potável e 30% de esgoto. 15% da população adulta não é capaz de ler e escrever e, mais de meio milhão de crianças morrem a cada doze meses, antes de chegar aos cinco anos de idade, de enfermidades curáveis", aponta a nota.

Apesar de se preocuparem com a ameaça do narcotráfico no processo de democratização e com o aumento da pobreza absoluta dos países, os membros do Clai perceberam que nesse período cresceu e se faz cada vez mais evidente a participação dos setores evangélicos nas diferentes esferas da sociedade civil, "um fenômeno que abre novas oportunidades e, ao mesmo tempo, propõe indubitáveis desafios éticos para a igreja e o movimento ecumênico".

## Secretário-geral do CMI propõe concílio universal

Reunir ortodoxos, católicos romanos, protestantes e pentecostais do mundo inteiro num grande concílio, o Concílio Universal Cristão, para debater as

## DENTRO DO CONTEXTO

### Homenagem justa

O presidente de Cuba, Fidel Castro, condecorou com a ordem Carlos J. Finlay cinco integrantes da organização religiosa Pastores da Paz, que conseguiram furar o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos e levar para Havana um carregamento de 435 computadores. Fidel elogiou especialmente o pastor batista Lucius Walker, chefe do grupo. De acordo com a Lei Helms-Burton, os Estados Unidos estão punindo os países parceiros que mantêm relações comerciais com Cuba.

### Celibato

A divulgação de um novo caso de amor e da existência de um filho de 15 anos do bispo Roderick Wright, da diocese de Argyll, na Escócia, ampliou o debate sobre o celibato na Grã-Bretanha. O Vaticano anunciou que o bispo já foi afastado do posto pelo papa João Paulo II. O cardeal Basil Hume, chefe da Igreja Católica na Inglaterra e em Gales, insinuou que a Igreja poderia relaxar o voto de castidade, porque vem perdendo excelentes candidatos a padre. "O celibato não é uma lei divina. É uma lei da Igreja. Qualquer papa ou Concílio poderia modificar isso", argumentou.

### Perda

O bispo emérito da Diocese de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito, morreu no dia 10 de agosto. Com vocação ecumênica, o bispo foi um árduo lutador em defesa dos direitos humanos e da população carente da Baixada Fluminense. Foi perseguido durante o regime militar sendo seqüestrado em 1976 por seis homens, que o espancaram, algemaram e encapuzaram. Aposentado desde 1995, dom Adriano ainda pregava e escrevia o livro "Memórias de um bispo na Baixada", autobiografia que não chegou a concluir.

### Incansável

Mesmo após se afastar da Arquidiocese de São Paulo depois de 16 anos como arcebispo, dom Paulo Evaristo Arns não pretende deixar de prestar seus serviços que marcaram toda sua vida clerical. Ele pretende se dedicar a centros de assistência a idosos e crianças, provavelmente em São Paulo. "Se for possível, vou trabalhar com a terceira idade e com a primeiríssima idade", comentou. Sinônimo de resistência à ditadura militar, defendeu diversos perseguidos políticos, entre eles o presidente da República Fernando Henrique Cardoso.



Douglas Mansur KOINONIA

Konrad Raiser quer discutir as questões que dividem os diferentes grupos cristãos

questões que os dividem. A proposta está sendo defendida pelo secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, o pastor luterano Konrad Raiser. Segundo ele, mesmo que no ano 2000 não fosse possível realizar o evento, a iniciativa seria o início de um processo ecumênico orientado nessa direção "e uma expressão da confiança no Espírito Santo que pode e quer conduzir as igrejas à reconciliação fraterna".

Na opinião de Raiser, a deci-

são de iniciar o processo preparatório poderia ser tomada "bastante rapidamente", já que antes do ano 2000 diversas igrejas terão realizado ou realizarão eventos mundiais importantes, como o Concílio Mundial Metodista (1996), as assembleias da Federação Luterana Mundial e da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (1997), e da Igreja Episcopal-Anglicana e do Conselho Mundial de Igrejas (1998).



# Ecumenismo é conversão

Sebastião Gameleira Soares

**A**o falarmos em Ecumenismo, não devemos concebê-lo como algo que se acrescentasse a nossas preocupações, uma tarefa a mais a exercer ou um tema a mais a qual pensar. Ecumenismo é, antes, dimensão constitutiva de nossa fé cristã. Ensina-nos, claramente, o Novo Testamento que a Igreja é processo de permanente construção da unidade na variedade de dons e na pluralidade dos membros do Corpo de Cristo.

Por isso, guardar a própria identidade e, ao mesmo tempo, abrir-se à construção de uma Igreja efetivamente ecumênica, sinal eficaz da unidade humana, representam um desafio global e radical: atinge-nos em tudo e atinge-nos a todos(as) em profundidade. Critica-nos, põe-nos em crise, isto é, sob julgamento (*krisis* é a palavra grega para dizer julgamento). Mostra os limites de nossas identidades particulares e faz passar pelo crivo do Amor de Cristo nossos particularismos ciumentos e interesseiros. Para ser suficientemente cristã, a Igreja de Cristo tem de ser radicalmente ecumênica. Nossa vocação é ser para a unidade.

A realidade, porém, é bem outra. Nossa experiência quotidiana é a de uma sociedade dilacerada por profundas divisões. Divisões econômicas, com cada vez maior concentração de riquezas nas mãos de poucas pessoas e de poucos países. Divisão social que vai chegando ao que já se poderia chamar de "apartação": tanta gente explorada e, o que é pior, sempre mais excluída da produção, do consumo e da convivência. Além das divisões provocadas por motivo de gênero, de raça, de religião e de cultura diferentes. O poder político parece destinado só a garantir um tênue equilíbrio das relações humanas, mantendo-se intocável a divisão. O atual refluxo do movimento socialista deixa no ar a sensação de que o ideal de fraternidade e de unidade sobra apenas para algumas pessoas exóticas e ingênuas.

## Cultura antiecumênica

No caso de nosso país, é bom lembrar que a cultura brasileira é marcadamente antiecumênica. É certo que se deseja mascarar os fatos e se faz passar a ideologia de que somos povo "cordial", radicalmente pacífico e fraterno. Fala-se até de nossa "democracia social". Diz-se, ainda, que nem há entre nós preconceito de raça. A história real, porém, revela outra coisa. Nosso país já nasceu com o estigma da divisão: algumas famílias estavam de antemão destinadas a serem perpetuamente donas do território ("capitanias hereditá-

rias"); para as outras só restavam as sobras consentidas a "servos". Alguns poucos eram senhores, a quase totalidade eram escravos e escravas (os povos indígenas e a gente africana). Mulheres e crianças tratavam os homens de "senhor", como tem de ser em qualquer regime de patriarcalismo. O Catolicismo era a religião oficial e exclusiva, a única permitida. Quando chegou o Protestantismo, veio sob signo da perseguição e se auto-definiu como único e verdadeiro Evange-

## Guardar a própria identidade e, ao mesmo tempo, abrir-se à construção de uma Igreja efetivamente ecumênica, sinal eficaz da unidade humana, representam um desafio global e radical

lho em terras de idolatria e de superstição, excluindo também qualquer outra forma de expressão religiosa como legítima.

E hoje, o que vemos? Toda a modernização econômica e social destina-se, no máximo, a um terço da população. A maioria, de fato, não conta, a não ser como indesejado obstáculo ao "desenvolvimento". O vergonhoso impasse da reforma agrária é sinal expressivo da tragédia de nossa realidade. Num país de tanta terra, o povo não tem terra nem para trabalhar, nem para morar. A suposta cordialidade mostra sua verdadeira cara, a crueldade. O que se tem feito a indígenas, ao povo negro e à classe camponesa é bem a radiografia da elite brasileira, alienada e apartada de seu povo.

Mas, apesar de todas as divisões, continuamos a pelo menos intuir que nossa vocação humana é para unidade. Nossa própria linguagem o indica. Insistimos em falar do mundo como "casa" (*oikos=eco*). Ora, casa é lugar de aconchego, de segurança e bem-estar, de reunião de família. O âmbito do trabalho e da produção, nós o designamos como *eco-nomia*, isto é, norma, regulamentação da casa. E dizemos que essa lei não pode ser estabelecida arbitrariamente, não pode submeter-se aos interesses só de alguns, pois há uma lógica da casa a respeitar, a *eco-logia*. Finalmente, dizemos que o mundo é a casa onde todas as pessoas têm direito a permanecer: na Antigüidade chamava-se ao mundo habitado de *oikoumene* ("ecumene"). Ora, essa palavra deriva do verbo grego "*oikéo*" que quer di-

zer residir na casa, habitar. Ecumenismo é o reconhecimento de que todas as pessoas e todos os povos têm direito de estar no mundo como em sua própria casa.

Além disso, Ecumenismo é um sinal dos tempos, pois a busca da unidade é uma das estratégias fundamentais de sobrevivência para a humanidade, que se manifesta nas várias dimensões da vida.

## Dois propostas de unidade

Há, porém, duas propostas básicas para construir a unidade humana. A Bíblia as condensa em dois expressivos símbolos: Babel x Pentecostes. Babel é símbolo da proposta do Império (cf. Gn 11.1-9). Desde a Antigüidade, tem-se tentado reunir as nações debaixo de algum centro de poder. Tem-se pretendido impor "uma única língua". A história, na verdade, tem sido a sucessão dos impérios: egípcios, hititas, assírios, babilônios, medos, persas, gregos, romanos... turcos. Na Idade Média, unificou-se a Europa em torno do Sacro Império Romano-Germânico. A Idade Moderna nasceu com os novos impérios coloniais: Portugal, Espanha, Inglaterra... Na fase atual, o mesmo reaparece nos grandes blocos econômicos de países e na globalização da economia cujos tentáculos são as grandes corporações transnacionais: a unidade é a unidade do mercado. A proposta do Império é a unidade mediante relações de dominação e de sujeição... Na lógica do mercado, por exemplo, só cabem produtores(as) e consumidores(as). E está previsto que esses(as) só podem ser poucos(as). Os demais, a maioria, estão de sobra. A lógica é de exclusão e de sacrifício, antiecumênica por natureza. O que salva os povos, então, é sua diversidade. Línguas diversas, diferentes identidades são fonte de resistência e confundem o Império em suas pretensões de impor pela força a uniformidade.

Bem outra é a proposta de Pentecostes (cf. At 2.1-13). Possuídos pelo mesmo espírito, os diferentes povos chegam a entender-se "cada um em sua própria língua materna". Mantém-se a diversidade, mas a unidade torna-se possível porque todos confluem em direção a um único Nome (cf. 1 Cor 1.2), como se peregrinassem a caminho de um único monte (cf. Is 2.1-5), para, finalmente, formarem na cidade uma nova assembléia, na qual já não há mais estranhos e a paz é possível (cf. Ef 2). A proposta de Pentecostes é a unidade tecida como imensa rede de comunidades, espalhadas por toda a terra habitada, a "ecumene" (cf. At 1.8; Mt 28.19), casa de todos(as).

Não se pode, entretanto, adotar a proposta de Pentecostes sem ter em conta que, automaticamente, se está em conflito com Babel. Seria pura ingenuidade. Trata-se de dois lados em permanente combate. E nesse combate estamos nós metidos(as) desde Moisés, o fundador de nosso povo, que caminhou guiado pela espada de fogo (cf. Ex 3.2; Js 5.13; Is 66.15; At 2.3). E trata-se de algo diverso, quando no exílio se fala de Babilônia, "senhora dos reinos", finalmente derrubada de seu trono e reduzida a escrava e viúva, feitos em pedaços os ídolos de ouro e prata (o capital) nos quais punha toda a sua confiança (cf. Is 46-47)? E Babilônia não é grande prostituta pela qual choram os reis da terra e os grandes negociantes?

## Defesa da vida: principal critério

Somos chamados a proclamar e exercer o ministério da reconciliação (cf. 2 Cor 5.18-20). Mas essa não se pode efetuar mediante uma espécie de ampla e indiscriminada tolerância, como se todas as formas de vida fossem igualmente "verdadeiras". O único critério seria a vida em redor da qual todos os antagonismos haveriam de reduzir-se a meras diferenças complementares entre si, degradando-se a verdade àquilo que convém a cada qual. A verdade é que o Império oprime e o Mercado exclui. Por isso, a reconciliação tem de efetuar-se a partir de critérios muito precisos: a partir de quem sofre opressão e exclusão. Se a salvação é universal, o caminho pelo qual se a atinge é o da solidariedade — abertura universal da própria vida — com quem é fraco e marginalizado. Foi essa a lição que nos deixaram nossos pais e mães na fé, irmãs e irmãos das primeiras comunidades (cf. At 4.32-37; 1 Cor 1-4).

Ecumenismo não será para nós vago sentimento de tolerância a abraçar de maneira indiferenciada e subjetivista todas as formas de vida e todas as expressões de sociedade e de cultura. Não, trata-se de mudança radical de nosso modo de agir, de nossa maneira de sentir e de pensar, e de nosso próprio modo de ser. É reviravolta no caminho de nossos pés. É ir além de nossa própria forma, é transformação. É re-definir, profundamente, nosso próprio ser. É conversão.

Sebastião Gameleira Soares é teólogo católico e assessor do CEBI.

Extraído de "Um só Senhor — Meditação sobre Ecumenismo". CEBI, nº 104, 1996.



# Do ecumenismo para o macroecumenismo

Pedro Casaldáliga

**K**OINONIA me pede umas palavras sobre macroecumenismo. E serão umas palavras só. Estou rodando pelo interior da Prelazia — buracos, poeira, fumaça, clamores, reivindicações e também a invencível esperança — em visita pastoral e não tenho o tempo calmo para escrever mais do que isso...

O ecumenismo está passando por uma hora ambígua: de recessão, por um lado, as igrejas se fechando em suas identidades, receosas ou se querendo firmar num proselitismo de conquista ou de reconquista; e, por outro lado, se sentindo as igrejas inevitavelmente provocadas ao diálogo entre si e a um diálogo maior, até por causa da mundialização que atinge todos os setores desta nossa pequena humanidade da aldeia global.

(Talvez faremos por necessidade histórica o que não fazemos por fé. O mercado total vai poder mais do que o testamento de Jesus?..).

A palavra macroecumenismo foi cunhada publicamente no primeiro encontro da Assembléia do Povo de Deus (APD), em Quito, Equador, por ocasião do famoso V Centenário. Nesse encontro nos reunimos membros de igrejas cristãs e líderes de religiões indígenas e afro-americanas: as três vertentes religiosas maiores de nossa Afro-América. Congregavam-nos a fé no Deus da Vida, a opção pelos pobres e suas causas e a paixão pela Pátria Grande, Nossa América. Não éramos oficialidade nenhuma. Nem pretendíamos fundar ou definir. Queríamos nos animar a caminharmos juntos, na esperança e nas lutas da libertação.

Por etimologia todo ecumenismo deveria ser macroecumênico: ecumenismo total. Convencionalmente e na prática não é assim, normalmente. O ecumenismo é o diálogo intracristão.

Sei que tanto no campo católico como no campo evangélico têm surgido mal-estar e réplicas ante a palavra macroecumenismo, e, quiçá, sobretudo, ante os desafios que essa palavra entranha. Penso, entretanto, que a partir da própria fé cristã, que nos ensina a derrubar os muros da separação e a não fecharmos o-Deus-Es-Príto-e-Verdade nem em Jerusalém nem em Garizim, esse mal-estar e essas réplicas deveriam ser revistos. Deus tem direito a dialogar com Deus, sempre o único Deus maior em qualquer fé sincera, expressa através de qualquer religião.

Não se trata de minimizar a revelação bíblica, nem de negar a universalidade da mediação de Cristo Jesus, nem de ignorar a especificidade cristã.



Andrew King/ KOINONIA

Valorizando as diferenças para construir solidariedade

Trata-se de rever nossa teologia e nossa cristologia e nossa eclesiologia aculturalmente míopes, secularmente colonizadoras.

Trata-se de acreditar efetivamente na vontade salvífica universal de Deus, que enviou seu Filho ao mundo — à Humanidade toda —, não para condenar o mundo mas para salvá-lo.

Eu me pergunto num poema-noema: "Meu Deus me deixa ver Deus?"

Talvez "mudar de Deus" — por exigências, repito, da própria fé cristã, seja o mais profundo e mais urgente desafio que às igrejas cristãs se apresenta, na *diakonia* maior do Reino, para que o mundo creia e para que toda a família humana de Deus se faça família de verdade, conviva na justiça, se ame em paz e fazendo História se prepare para o encontro definitivamente feliz.

No mais, para nós — para esse grupinho de sonhadores utópicos da APD ou de onde seja — macroecumenismo é dialogar inter-religiosamente, sempre num compromisso social pelos excluídos. Fazer da fé no Deus da Vida um culto militante à Vida, por amor à obra — ao sonho, desse Deus.

E é dialogar com todas as religiões, não apenas com as chamadas "grandes" (o que não seria muito evangélico, pois o Evangelho prima por dialogar com o que é pequeno).

Dialogar, digo, não monologar. Falar e ouvir, acolher e dar, crescendo juntos. Sem renunciar ao próprio dom gratuitamente recebido. Sem se envergonhar do Evangelho, mas sem esgrimi-lo com prepotência, com fundamentalismos, como quem apenas perdoa a vida de pagãos, hereges, idólatras...

Como cristão, poderia até me propor estes três critérios, para definir a validade

e a bondade da minha prática do ecumenismo e do macroecumenismo:

1. Que essa prática me faça mais condescendente em Deus e mais esperançado.
2. Que me torne mais compreensivo com o próximo — como pessoa e como povo, e com seus contextos e suas causas.
3. Que me faça mais fiel à essencialidade da minha fé cristã.

O macroecumenismo, dizíamos na memorável APD de Quito, não é uma organização, nem um movimento. É uma atitude, que a gente acredita ser agradável a Deus, ao "Deus de todos os nomes, maior que todos eles", que para nossa fé cristã é o Deus do Reino que se revela humanamente e historicamente em Jesus de Nazaré.

A mundialização do Espírito, que sopra onde quer, não é uma concessão nossa. É poder e amor dEle. Há mais presença que "revelação" canônica... E a própria revelação talvez a tenhamos definido muito precipitadamente restrita, demasiadamente controlada por nossos pequenos critérios, que não coincidem necessariamente com os critérios do Deus sempre Maior.

Paulo Suess (em texto para *Adveniat*, 25/5/1996) recorda oportunamente que "a 'inculturação de Deus' no mundo, sua revelação no meio da humanidade, seu diálogo e sua presença, precedem à encarnação do Verbo". E que "O Evangelho é a boa notícia da proximidade de Deus, desde sempre" e em todo lugar e através de toda fé, em qualquer coração sincero.

O Espírito macroecumênico nos faça macroecumenicamente fiéis, livres e servidores. Amém!

Pedro Casaldáliga é bispo de São Félix do Araguaia/MT e assessor das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

# Espiritualidade

José Rubens Jardimino

A palavra festa, me parece, foi banida das celebrações nas igrejas cristãs, especialmente aquelas oriundas do Protestantismo Histórico. Quando vem cunhada do acompanhante "popular", mais distante fica. Talvez seja por isso que nosso culto, com toda sua austeridade, venha perdendo uma de suas características mais importantes: a reunião, a assembléia, o encontro de irmãos/irmãs — festa do povo, portanto popular.

A festa pressupõe presença comunitária, contém uma dimensão de encontro entre amigos. Daí pensar a vida cúlta da comunidade de fé como uma festa de gratuidade e alegria. No dizer Edwin Mora, "a festa é um estado de 'huelga' ante a rotina da vida. É aceitar a vida como dom da graça de Deus". É culto.

Nesta perspectiva, por toda a América Latina e Caribe, nestes últimos anos, vem gestando uma nova maneira de celebrar. A isso tem-se dado o nome de "renovação litúrgica", o que conseqüentemente tem apontado também para um novo enfoque na espiritualidade do Povo de Deus neste continente.

Neste pequeno artigo-testemunho quero me reportar a duas experiências que vivenciamos no Continente. A primeira foi a Assembléia do Povo de Deus - APD (Quito, Equador, 1992), e a segunda, a Jornada Ecumênica (Mendes/RJ, outubro de 1994).

## A espiritualidade que nasce do diálogo

Estávamos no marco das "comemorações" dos quinhentos anos da chegada dos colonizadores na América Latina. Preparava-se uma conferência religiosa latino-americana em Santo Domingo preludivando toda a festa da invasão da América, quando um grupo de cristãos se pôs a pensar numa outra proposta celebrativa que não tivesse esse caráter triunfalista. Seria uma festa da resistência destes quinhentos anos de massacre no Continente, uma festa popular, pluricultural como é nosso continente — afro-ameríndio. Aconteceu a APD, Assembléia do Povo de Deus.

A primeira afirmação da Assembléia que fez repensar nossa espiritualidade foi: Deus tem um sonho — "que todos sejam um". Esta afirmação nos colocava na fronteira de uma vivência com um Deus que não é exclusivo nem patrimônio dos cristãos. Dessa reflexão brotou a pergunta: Quem é povo de Deus? Este questionamento é fruto colhido nos variados encontros e reflexões, de cunho puramen-



# e festa: expressão do ecumenismo popular

## A “nova” espiritualidade nasce da vivência pastoral — o encontro solidário com o outro, com o qual Ele nos fez parceiros e companheiros para habitar a *oikoumene*

teológico, das conferências e consultas ecumênicas realizadas no Continente nestes últimos anos. É fruto de um vigoroso pensamento teológico sistemático colhido no seio das comunidades cristãs desta “Pátria Grande”, que arejou nossas teologias nas últimas décadas. Permitiu repensar nossa espiritualidade.

Assim, movidos por essa pureza teológica que vinha da tradição bíblica, concluimos: ora, se Deus tem um sonho de unidade, já não podemos falar de unidade dos cristãos, nem tampouco de um mero diálogo inter-religioso, mas sonhar audaciosamente com a unidade dos povos, raças e culturas. Nascia uma espiritualidade macroecumênica na qual estavam incluídos os rostos negros, indígenas e mestiços de Deus.

A “nova” espiritualidade nasce da vivência pastoral — o encontro solidário com o outro, com o qual Ele nos fez parceiros e companheiros para habitar a *oikoumene* (a “casa grande”, moradia de irmãos parceiros da mesma caminhada, co-inspiradores dos mesmos sonhos).

A partir desse momento se insere no vocabulário ecumênico um novo termo — macroecumenismo —, não sem um grande debate e resistência, pois o patrimônio histórico-testemunhal da militância do movimento não entendia que o termo ecumenismo havia se desgastado na burocracia institucional religiosa.

Podemos dizer que uma nova terminologia para se falar de unidade, não poderia estar atrelada apenas à confessionalidade religiosa. Urgia a necessidade de reinterpretar e reafirmar toda amplitude que o termo ecumênico contém como diz Júlio de Santa Ana: “Este é o momento de tentar compreender o termo *oikoumene*, do qual vem a palavra ecumênico. Do mesmo modo que *oikos*, a casa onde vive a família, fruto de uma tarefa de construção e administração consagrada, de um esforço cotidiano, *oikoumene* se refere ao mundo habitado”. (*Ecumenismo e Libertação*/1987).

Portanto, era tarefa urgente da práxis pastoral observar a inter-relação das quatro dimensões fundamentais da existên-

cia humana em relação ao ecumênico (política, econômica, geográfica e cultural/religiosa). Foi nessa perspectiva que leigos de variadas confissões religiosas, sacerdotes e teóricos de várias religiões e expressões culturais se puseram a refletir sobre o macroecumenismo.

Recolhendo essas inquietudes presentes, primeiramente no povo cristão, e depois em outras culturas e religiões (indígena e afro-americanas), os teóricos, teólogos e cientistas da religião buscaram sistematizar o que na prática pastoral já

minar uma nova espiritualidade na América Latina.

### Espiritualidade que nasce da *Corpoética*

“Não podemos deixar de falar daquilo que vimos e ouvimos: vozes femininas, vozes masculinas, vozes negras, vozes brancas, vozes jovens, vozes adultas. Não podemos deixar de dizer que também vimos abraços quentes, danças alegres, risos iguais dos que se amam porque amam a mesma e desejada paz que

ção festiva onde pudemos conversar sobre coisa séria — A unidade.

As expressões-litúrgicas “gozosamente” provocadoras da espiritualidade inseminada e fecundada em corpos, gestos, palavras foram responsáveis por um refletir maduro do ecumenismo que vivenciamos no Brasil, se traduziu numa festa/encontro de irmãos e irmãs que sonham juntos e co-inspiram as mesmas utopias do amigo de Nazaré — “que todos sejam um”.

Estas experiências me levam a crer que estamos vivenciando uma espiritualidade nova, porque ela já não está forjada em dogmas ou racionalidades religiosas; não se expressa como um pretexto para fugir da vida, mas, ao contrário, é um incentivo para levá-la a sério com todas as suas dimensões que a fazem humana e que a tornam suscetível também de se tornar divina. Ela se faz carne no meio do povo e metamorfoseia-se em *cor-som-corpo*. É *corpoética*.

### Conclusão

As experiências acima apontadas são como que aperitivos dentre muitas outras manifestações de festas litúrgicas e verdadeiras celebrações que muitas igrejas e grupos diversos têm vivenciado neste continente (possivelmente seja por isso que chamam-na de “renovação” teológica e/ou litúrgica). Daí nasce uma espiritualidade dialética, “ecumênica” porém plural; combativa mas cheia de ternura; simbólica/gestual, porém profética; de resistência, mas festiva.

O selo/segredo que ainda não foi revelado é como esses povos, em meio a tanta dor, lamentos e ranger de dentes, se sentem motivados a celebrar a vida. Não serão suas crenças nas várias formas de ressurreição, na *Pachamama*, na parúsia, na certeza de que Ele vem, que os fazem resistir e celebrar a grande utopia como uma festa escatológica?

Quem expressou muito bem essa fé do imaginário popular latino-americano foi Alceu, o Valença, dizendo:

“Na bruma leve das paixões que vem de dentro

tu vens chegando prá brincar no meu quintal. (...)

Tu vens, tu vens,

Eu já escuto os teus sinais...”

José Rubens Jardimino é sociólogo, teólogo anglicano e doutorando em Ciências Sociais na área de Sociologia da Religião. É autor dos livros *Sindicato dos mágicos* (Cesep/SP) e *As religiões do Espírito* (Iser/RJ).



Expressão de buscas de caminhos do ecumenismo

vinha ocorrendo para reafirmar mais uma vez que a teologia é sempre gestada na comunidade, é um ato segundo.

Hoje temos experiências que se acumulam dentro de uma perspectiva macroecumênica. Quiçá, num tempo que chamo de *kairótico*, o termo entre no cotidiano das comunidades e nas mesas executivas do “ecumenismo clássico”.

Provavelmente, a experiência macroecumênica tenha sido umas das primeiras experiências onde cristãos e não-cristãos puderam, de forma muito franca, falar sobre suas frustrações, dores, opressões e projetarem juntos sonhos, alianças e reencontros. Por isso podemos falar de uma espiritualidade que nasce do diálogo e do sonho, sonho de irmãos que querem viver juntos debaixo do mesmo teto que os abriga.

Toda riqueza acumulada, que não pode ser expressada em toda sua dimensão neste artigo, foi fortemente demonstrada nas festas populares das celebrações, cultos, ritos específicos de cada confessionalidade e/ou tradição religiosa a partir de 1992 com APD. Nascia ali uma nova maneira de vivenciar a fé e ger-

## Estamos vivenciando uma espiritualidade nova, porque ela já não está forjada em dogmas ou racionalidades religiosas; não se expressa como um pretexto para fugir da vida, mas é um incentivo para levá-la a sério com todas as suas dimensões

ultrapassa todas as montanhas. Não podemos deixar de anunciar que o sonho ecumênico da oração de Jesus de Nazaré se fez carne nos gritos de socorro, nos protestos dos excluídos e no sussurro dos olhares amantes...”

Assim se inicia a Carta de Mendes, elaborada na Primeira Jornada Ecumênica. Esse evento caracterizou-se também como um marco na gestação deste novo vento de espiritualidade que sopra em nossa vivência de fé — coisas do Espírito, que sopra onde quer e como quer. A Jornada Ecumênica foi outra manifesta-



# Revisitando Igreja sem Fronteiras\*

Paulo Botas

*Um dia que Deus estava a dormir  
E o Espírito Santo andava a voar  
Ele (Jesus) foi a caixa dos milagres e  
roubou três.  
Com o primeiro fez que ninguém  
soubesse que ele tinha fugido  
Com o segundo criou-se eternamente  
humano e menino  
Com o terceiro criou um Cristo  
eternamente na cruz  
E deixou-o pregado na cruz que há no céu  
E serve de modelo às outras.  
Depois fugiu para o sol  
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.*

(Fernando Pessoa/Antonio Caieiro,  
*O Guardador de Rebanhos*)

Neste quase terceiro milênio, é mister constatar o fracasso das nossas igrejas em suas missões evangelizadoras. O "mundo ocidental e cristão" carece de valores humanos que as igrejas nestes quase dois mil anos quiseram ser portadoras privilegiadas. O fato indiscutível é que fracassaram na criação e construção de homens e mulheres humanizados e moldaram à sua imagem e semelhança pessoas com um superlativo grau de preconceito, de dogmatismo e de autoritarismo. Os aparelhos burocráticos dessas instituições se expandiram abafando e se sobrepondo ao espírito eclesial que deveria reinar no *kerigma* do Cristo Morto e Ressuscitado.

*A Igreja não é uma instituição abstrata, a cuja forma rígida se devem dobrar as instituições humanas. A Igreja não é a depositária inerte de uma verdade intemporal para sempre formulada, que deverá ser imposta às inteligências e às vidas dos homens, com exclusão de tudo quanto possam descobrir ou sentir em contato com a realidade das coisas, reveladoras de Deus. Na realidade a Igreja é antes de tudo uma comunidade fiel à Verdade transcendente do Pai de Misericórdia, cuja Palavra de Vida ouvimos, vimos com os nossos olhos, percebemos e tocamos com as nossas mãos (Cf. 1 Jo 1.1) (CATÃO:7-8).*

Superarmos a concepção pastoral de uma Igreja monolítica, na qual o direito à diferença tem sido negado em todos os grandes projetos de evangelização, é condição *sine qua non*, ou jamais poderemos compreender a Redenção de Jesus de Nazaré.

## Intolerância e dogmatismo

*Historicamente, o "amai-vos uns aos outros" não se impôs pelo exemplo de doçura, bondade e entrega de Jesus de Nazaré, de alguns de seus discípulos ou primeiros mártires. Aprendemos a ver no outro "um próximo" pela força das armas; pelas fogueiras da Inquisição; pela perseguição aos inimigos políticos; pelo degredo, prisão, assassinato ou extermínio em massa dos infiéis, hereges, dissidentes e desviantes (Costa, Jurandir Freire. "A devoração da esperança no próximo". Folha de São Paulo, 22/9/96. Caderno Mais!, p.8).*

A história de nossas igrejas foi marcada pela intransigência cultural e política e pela obsessão de "proclamar a salvação aos gentios", impondo, custasse o que custasse, o modelo ocidental como única via ética e moral que deveria nortear e sular nossas práticas pastorais. Parafraseando Catão, a atitude fundamental das igrejas diante do mundo não é a de excomungar os que não lhe reconhecem os direitos e a liberdade, nem de condenar os que pensam a seu contrapelo, mas a de procurar eliminar todos os obstáculos que se opõem ao reconhecimento universal da Palavra de Verdade e reunir todos os homens e mulheres contando principalmente com a força do testemunho de

fidelidade à mensagem de paz e de salvação que é a sua (cf. CATÃO:8). Em outras palavras, "não é a Igreja que conquista os homens, mas Jesus Cristo que os salva" (CATÃO:12).

A Igreja Romana aniquilou pelas Cruzadas os "infiéis e os hereges" que ameaçavam o mundo cristão. Na descoberta do Novo Mundo, abençoou os canhões e as armas que ajudaram a aniquilar culturas e civilizações e a impor a Cruz e a Espada num processo de "conversão" à Igreja e aos reinos de Espanha e Portugal. Atualmente, utiliza o termo "inculturação" para se apropriar das culturas que não tendo conseguido aniquilar resistem, nestes dois mil anos, à sua ousadia e arrogância missionária...

## Superarmos a concepção pastoral de uma Igreja monolítica, na qual o direito à diferença tem sido negado em todos os grandes projetos de evangelização, é fundamental para compreendermos a Redenção de Jesus de Nazaré

Catão, ao formular, inspirado no Vaticano II, uma *Igreja Sem Fronteiras*, reafirma o dinamismo da graça cristã e eclesial, *germinando no coração de todos os homens que, fiéis à verdade, à justiça e ao amor, mesmo sem o saber, estão a edificar por toda a parte o reino d'Aquele que é Verdade, Paz e Amor (...)* Igreja Sem Fronteiras, *enfim, é o tema que deve estar obrigatoriamente presente a quem se preocupa com a edificação de um mundo verdadeiramente cristão, e não apenas decorativamente em paz com a Igreja, pois o que conta não são os entendimentos e os compromissos humanos entre autoridades políticas e religiosas, mas uma vida realmente alimentada com a seiva do Evangelho e posta a serviço dos homens, à imitação de Jesus Cristo (CATÃO:13).*

O mundo do ecumenismo encontra nesta formulação a sua razão de ser e de estabelecer com as realidades humanas, e portanto culturais, diversas e plurais, um diálogo espiritual capaz de superar todos os anátemas e cismas religiosos. Mas como efetivar este projeto ecumênico se nestes últimos trinta anos assistimos estarecidos a uma sucessão de acontecimentos que negaram a dimensão da humanidade e de humanização tão querida pelos homens e mulheres de boa-vontade

A essência da Igreja está na lealdade e na generosidade que devem pautar a vida de homens e mulheres que acreditam na humanização da Humanidade





## A essência da Igreja não está no quadro institucional e burocrático, nem nos seus ministérios criados a partir de necessidades dogmáticas e históricas, mas na vida em comunhão com Deus e na afirmação do sacerdócio dos fiéis

e tão amplamente desejada pelos que lutaram e lutam pela paz na terra?

*Substituímos a prática da reflexão ética pelo treinamento nos cálculos ecumênicos, brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes, e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim (FREIRE COSTA).*

### Superar limites

Retomar "velhos" escritos onde a lucidez evangélica nos arrebatada é imperativo para alimentar nossos espíritos e almas tão carentes de profundidade e de pensamentos densos. O pragmatismo das nossas "igrejas populares" esvaziou a dimensão teológica e espiritual que responde pelos diálogos profundos e ousados na construção do Reino de Deus e empobreceu o Espírito que transcende todas as fronteiras, fala todas as línguas, enche o universo e mantém em vida todas as coisas (...). *A Igreja não constitui de modo algum um grupo particular, fechado e delimitado pela língua, pela mentalidade, pela maneira de sentir ou de pensar. Por sua própria natureza a Igreja é uma comunidade real de homens, mas aberta a todos os homens, a todo o mundo (CATÃO:16-17).*

Existiria a possibilidade de construirmos um mundo onde a afirmação da originalidade espiritual e da vivência do Transcendente não fosse motivo de divisões e guerras? Como nossas gerações futuras poderão acreditar no Transcendente se os nossos deuses são construídos do tamanho e estatura das nossas intolerâncias e medos? O desafio ecumênico exige a superação dos nossos limites eclesiais que criaram burocratas que se escondem nos organismos "ecumênicos", onde se armam redes rígidas e bem sustentadas por polpudos dólares, marcos, libras, coroas e que não sabem fazer mais nada do que consultas, assembléias

e sínodos para mostrarem "ao mundo" a sua "quase hegemonia" na condução "missiológica" e elitista.

*Por acaso um mundo mais justo seria aquele em que todos pudessem ter acesso ao que as elites têm? Mas o que têm as elites a oferecer? Consumo, tédio, insatisfação e ostentação (...) Em vez de utopias, manuais de auto-ajuda, psicofármacos, cocaína e terapêuticas diversas para os que têm dinheiro; banditismo, vagabundagem, mendicância ou religiosismo fanático para os que apenas sobrevivem (FREIRE COSTA).*

Como afirmar, segundo Catão, em alto e bom som, que "o Povo de Deus não é delimitado por nenhuma fronteira"? E "o que é absolutamente necessário para se salvar não é o pertencimento pleno e reconhecido à Igreja, senão o laço íntimo de fé e de amor com o Senhor Deus, a graça interior, que é a riqueza da Igreja, em outras palavras, a fidelidade total e transparente de cada um, à Verdade, à justiça e ao Amor"? (CATÃO: 36)

### Verdadeira essência da Igreja

É necessário reafirmarmos que a essência da Igreja não está no quadro institucional e burocrático, nem nos seus ministérios criados a partir de necessidades dogmáticas e históricas, mas na vida em comunhão com Deus e na afirmação do sacerdócio dos seus fiéis. Mas este sacerdócio existe em todas as religiões, que apesar das suas institucionalizações, procuram superar os seus limites e criar condições para a sua universalidade. É preciso falar da generosidade e lealdade que devem pautar a vida dos homens e mulheres que ainda acreditam na "humanização da Humanidade". E este é o mistério profundo de Jesus de Nazaré, sua profunda humanidade e seu testemunho de ser "humano, profundamente humano".

Catão nos alerta que o fato do Cristianismo ter sido trazido para a América Latina e de ter transplantado uma cristandade em suas estruturas sem nenhuma preocupação com a cultura, religião e espiritualidade dos povos que aqui encontrou, criou para a instituição — habitualmente identificada com os bispos, padres, pastores — uma série de problemas e de compromissos de que nós não nos libertaremos tão facilmente. *A Igreja, nesse sentido, é a religião que conserva as nossas tradições e deve se opor a todas as renovações (CATÃO:88).*

*O que se espera do missionário (...) não é que pregue sobre a Igreja e a torne atraente por uma exaltação humana do seu poder, de seu prestígio, de sua prudência, de sua idêntica, de todas as suas riquezas, enfim. A Igreja deve desaparecer diante de Jesus para quem aponta, como João Batista (CATÃO:86-87).*

Será que teríamos, novamente, essa inspiração que poderia garantir a retomada do diálogo ecumênico e do diálogo in-

ter-religioso? Será que teríamos, uma vez mais, a lucidez de Catão e do Vaticano II para acreditarmos que cada um de nós é chamado a ser diante de Deus, de si mesmo, de seus irmãos, um autêntico servidor da Verdade e do Amor? Isso é Igreja. No seio da comunidade apostólica, como no meio do mundo, o que conta de fato é a fidelidade à Verdade, à Justiça e ao Amor. Todo homem, pois, que vive autenticamente como homem, que ajuda seu semelhante a vivê-lo da mesma forma, faz parte da Igreja, está conduzido pelo espírito de Jesus, completa em sua carne a Paixão de Cristo e será reconhecido como Filho do Pai do Céu (CATÃO:92).

Ou como nos desafia Freire Costa:

*Seria muito propor que, em vez de ruminar o fracasso, pensássemos juntos em refazer a amizade, a lealdade, a fidelidade e a honra na vida pública e privada, o gosto pela ética no pensamento político ou visões de mundo capazes de contornar a lassidão moral decorrentes de nossos hábitos sentimentais e sexuais, etc?*

## O desafio ecumênico, para quem ainda acredita e decidiu investir a sua vida nesta utopia, está presente nessa nossa atitude de, ao assumir as situações-limites, superarmos nossas miopias institucionais e seus dogmatismos historicamente produzidos

*(...) Um grão de loucura e devaneio, quem sabe, é desta falta que padecemos nossas almas mortas, famintas de encantamento e razão de viver.*

O desafio ecumênico, para quem ainda acredita e decidiu investir a sua vida nesta utopia, está presente nessa nossa atitude de, ao assumir as situações-limites, superarmos nossas miopias institucionais e seus dogmatismos historicamente produzidos. De sermos livres para sonharmos os novos mundos e as novas religiões, expressão da comunhão solidária, na Verdade, na Justiça e no Amor, dos homens e mulheres que, "como se vissem o Invisível", permanecem firmes e lutando toda a sua vida.

São estes, os benditos e benditas do Pai, os felizes, as bem-aventuradas, e, mais que nunca, são estes que, apesar da Morte recomeçam sempre e cada vez mais se tornam Imprescindíveis porque fulminados pela Esperança e pelo Amor que tudo transforma e que aproxima homens e mulheres de todas as raças, credos e religiões, porque Deus é Mais, e Liberdade é o nome do seu Espírito...

Paulo César Loureiro Botas é doutor em Filosofia e integra a equipe de KOINONIA.

(\*) Título do livro que marcou a década de 1960 e toda uma geração da Ação Católica, mas sobretudo o diálogo ecumênico no Brasil, abrindo novas perspectivas de ações comuns entre os cristãos. Seu autor foi provincial da Ordem dos Frades Pregadores (Dominicanos) no Brasil e responsável pelas posições teológicas de ponta assumidas por esta Ordem Religiosa que tanto marcou a Igreja brasileira e seus compromissos políticos e sociais. CATÃO, Bernardo — *A Igreja Sem Fronteiras*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1965, 92 p.

## Fim ou começo? O ano 2000 está chegando...

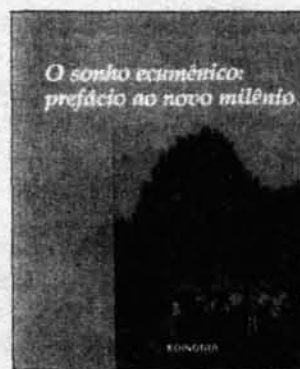
Estamos às portas do ano 2000. Novo século, novo milênio. São muitos os desafios e os sonhos que envolvem os diversos grupos e movimentos sociais. Com o movimento ecumênico e as igrejas não é diferente!

Para quem se interessa por este tema, é fundamental ter em mãos o livro *O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio*, editado por KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, que elenca as questões teológicas, pastorais e sociais mais emergentes para as igrejas e para os cristãos no Brasil neste final de século e de milênio. Aproveite a promoção de KOINONIA: adquira já o livro por apenas R\$ 12,00,

(incluídas as despesas postais). Para isso, envie cheque nominal ou cópia de recibo de depósito bancário (Banco Bradesco, agência 1745-0 Cosme Velho/RJ, conta corrente 15245-5) ou de vale postal.

Desconto de 20% para a compra de mais de um exemplar.

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço  
Rua Santo Amaro, 129, Glória  
22211-230 Rio de Janeiro RJ  
Tel: (021) 224-6713  
Fax: (021) 221-3016





# Pode vir algo de bom daquela barriga?

Pedro Lima Vasconcellos

**E**stamos próximos do fim do ano, e nesta época se gestava há muito tempo, no seio de uma jovem habitante de longínqua e desconhecida aldeia, uma criança. Nada a obstar, não fosse um detalhe: a moça grávida não vivia ainda com o marido! E este jurava não ter qualquer responsabilidade sobre a vida que naquela barriga ia se tornando mais saliente. Não, não descumpria quaisquer das prescrições no tocante a questões tão sérias como casamento, sexo, paternidade.

Fuxico, disse que-disse, fofoca, como aconteceram! "Mas justo esta menina, filha de gente tão boa!" "É o que dá não seguir o exemplo e o ensinamento dos pais!" Coisas assim circulavam de boca em boca pelas vielas da aldeia. Não havia outro assunto nas rodinhas e conversas. Quem é o pai da criança? Esta pergunta sem resposta deixava a todos inquietos, particularmente o marido. E pelo visto a jovem não podia se explicar, não a queriam ouvir, não a deixavam falar. Os olhares fulminantes falavam por si: este delíto não pode passar em brancas nuvens. É necessário fazer alguma coisa: já pensou se a moda pega?...

O marido já não sabia o que fazer. Sentia-se desprezado, humilhado, mas não aceitava explicações. Não quer acreditar no que vê, mas a barriga que se avoluma não lhe permite ilusões. E não quer ouvir o que sua mulher teria a dizer. "Não tenho nada a ver com isso"! Vai embora, talvez para evitar ter de agir, talvez para não precisar estar presente quando vier a condenação, inevitável. Vai embora sorrateiro, para não dar na vista, para não causar mais escândalo. Livraria certamente sua pele.

Homem justo esse... Agiu conforme mandam os preceitos, e o que recebeu foram chacotas, gozações. Sua religião prescrevia penas severas para estes casos; bem, agora é deixar que a justiça seja feita. As leis de Deus precisam ser obedecidas. Senão, o que será do amanhã?

## Recordando a história

Era justo; estava cumprindo o que as leis dos antepassados prescreviam, mas não estava satisfeito. E se nesta gravidez estivesse a semente de algo novo? As leis sempre foram obedecidas, e em que isso melhorou a vida das pessoas? Os preceitos sempre foram seguidos à risca, e daí? Por um momento passou em revista a história do seu povo, as memórias conservadas de seus antepassados. E se recordou, quase que numa iluminação, que nas histórias que lhe contaram sobre os heróis do passado havia algumas passagens não

muito bem explicadas, passagens que mencionavam algumas mulheres que tinham ficado grávidas sem uma explicação muito clara: só por Deus. Outras tiveram filhos após passarem por muitas pressões, e até ameaçadas de condenação por uma gravidez fora-da-lei...

No momento seguinte se deu conta, agora com uma nitidez maior, que esses filhos gerados em circunstâncias problemáticas foram da maior importância para a história do povo! Os profetas tinham falado que de meninas e meninos viriam o novo, a luz, a esperança. Havia até um oráculo, muito conhecido então, que dizia que uma moça ainda virgem seria mãe de um menino que teria o nome de Emanuel. Nunca entendera bem como isso aconteceria mas, diante do que estava vivendo, e com as recordações lhe confundindo ainda mais a mente, percebeu que a história não podia ser avaliada apenas pelo que se dizia, pelo que se prescrevia, pelo que era norma estabelecida. Deus escreve certo por linhas tortas!

Naquela noite ele não conseguiu dormir direito, imerso em pensamentos, lembranças, desconfianças, sonhos. Ele recordou, como que num filme, que a presença de Deus com seu povo sempre se deu à margem da lei, dos padrões estabelecidos. Viu Deus libertando escravos maltrapilhos, fortalecendo as famílias contra tiranos invasores, defendendo escravas com crianças ao colo expulsas pelos seus senhores, animando rebeliões contra reis e sacerdotes, impedindo que crianças indefesas fossem sacrificadas em rituais. Recordou as ações dos profetas e profetisas do passado, atrevidos, ousados, insubmissos a regras e prescrições. Percebeu que junto com essas pessoas estavam tantas outras, indefesas, abandonadas por aqueles que se apresentavam como paladinos da ordem e da moralidade. E concluiu, num último lance de luz, antes de desfalecer pelo sono e pela tensão, que a vida das pessoas todas, no passado e no presente, não pode ser padronizada ou controlada: há mais coisas entre o céu e a terra do que podem supor as nossas vãs teologias! Há desejos, esperanças, sonhos, vontades, anseios, e estes não podem ser computados e programados! A vida não passa por subordinações ou repressões!

Aquela noite tinha sido demais. De manhã, porém, tendo acordado (um pouco mais tarde, é verdade, e com cara de noite mal dormida) tinha algumas coisas bem claras: se se trata de condenar a mulher por um suposto adultério, por que só ela? E o pai da criança, ficaria impune? Pode-se condenar alguém sem ouvi-lo?

Não, essa lei não é tão justa quanto parece... Quantas vezes a justiça se dá fora dos padrões estabelecidos, e em alguns casos contra estes!

## Outro olhar

E, pela primeira vez, ele agora olhou para sua mulher com outros olhos. Ainda com uma certa desconfiança, com a sensação de algo mal explicado. Mas, inexplicavelmente, não sentia mais a vontade de deixá-la entregue à própria sorte, nas mãos de quem certamente a condenaria sumariamente. Mas também não teve a coragem de conversar com ela sobre o assunto: não se rebaixaria a tanto. Nem deixou que ela falasse: poderia ouvir algo que não lhe agradaria. Deixou estar para ver como ficaria.

Mais algum tempo se passou. E chegou o dia do casamento. Dia temerário. A jovem, com a barriga à vista de todos, entrou muda e saiu calada. Ele, constrangido pelos pensamentos que sabia estavam na cabeça de todos, também evitou as palavras. Afinal, os dois agora vivem juntos. Mas não tiveram relações. Havia barreiras que os separavam. Muitas coisas ainda deveriam ser explicadas. Porém mais importante agora era que a criança nascesse. Uma vida estava às portas, e era necessário prover o necessário para que ela se desenvolvesse da melhor maneira. Certamente ela seria falada, mal-falada, mas era necessário minimizar o problema. Criar problemas agora seria complicar a situação.

Com o tempo o silêncio entre os dois foi sendo rompido, bem devagar. As palavras foram aparecendo, a ajuda mútua foi acontecendo. O que ele não admitia era conversar sobre o passado. Continuava receando ouvir o que não queria e acabar se arrependendo do passo dado. Mas, para surpresa de ambos, um acordo aconteceu quando trataram de pensar no nome para a criança. Se for menina... Não, eles tinham uma intuição de que viria um moleque. Principalmente ela estava convencida disso. Ele também acreditava nesta possibilidade. E não tiveram problemas para definir um nome para o menino. Bem que ele tinha pensado em Emanuel, lembrado que estava daquela profecia que havia recordado. Mas seria muita pretensão chamá-lo assim. Não, o nome seria outro. Mas quem sabe naquele menino não descobririam Deus com eles?

Sua lembrança voltou para os tempos iniciais, em que o povo começou a construir sua história na terra que lhe tinha sido prometida. E, subitamente, apercebeu-se de que a terra lhe tinha sido tomada, a ele e a seus conterrâneos. Vilas in-

teiras arrasadas, mulheres e homens abandonados a buscar pão, lar e consolo. E aí fez outra constatação, que muito lhe doeu: muitos dos líderes de sua religião, entre os quais aqueles que certamente haveriam de condenar sua mulher, não estavam lá tão ocupados e atentos com o que ocorria com estas pessoas carentes e sofredas, discriminadas. Lembrou-se então de Josué, o salvador, o líder da conquista, o portador de esperança para seu povo... Sim, este menino que vai nascer deverá encarnar os sonhos, as expectativas, os anseios do povo. Nele o povo haverá de se redescobrir. Livre para refazer a história, experimentar Deus consigo: Jesus. Sim: este nome vai cair bem.

O itinerário seguido pelo homem parecia apontar para o futuro: não foi só ele que precisou reconstruir certezas e valores. Aliás, descobriu que muitos com ele faziam caminho similar, nas vilas e aldeias, no deserto e nas montanhas, nas casas e nas ruas. E, algum tempo depois desses acontecimentos, pessoas que se inspiraram na trajetória do messias marginal assim nascido tiveram de fazer o mesmo caminho, de ruptura com padrões, de transgressão de normas, de recriação de valores e de práticas. E se recordaram do velho José, que era justo... Mas se lembraram também que o mestre teria dito: "se a vossa justiça não for maior..." E aquela comunidade se confortou, viu-se desafiada a fazer caminho, dando pão a quem tem fome, água a quem tem sede, vestindo os desnudados, acolhendo as vítimas da discriminação e do preconceito: assim estaria agindo como e com o mestre. E se alegrou...

História mal-contada essa... Ou, ao menos, contada pela metade. A mãe não pôde falar. O contador será que soube do caso só pela versão do homem? Não sei, mas não é isso que se lê em Mt 1.18-25? Ali Maria não fala; sofre. Aparece sempre no passivo: é engravidada, é ameaçada, é recebida enfim. Mateus ficou devendo a versão dela sobre o acontecido. O que ele passou foi que numa história tortuosa como a dela, Deus tinha intervindo decisivamente. E como foi duro para José se dar conta disso, superar preconceitos e a visão tacanha de um mundo em que tudo é previsto e prescrito ou proscrito... E descobrir que a salvação não passa por aí, que este menino, assim nascido, "salvará o povo de seus pecados"...

Pedro Lima Vasconcellos, católico, é assessor do CEBI, professor e doutorando em Ciências da Religião pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (São Paulo).



# “É dando que se recebe”

Paulo Roberto Salles Garcia

“O lha, vota em nossa chapa, pois o vice é evangélico, da Igreja Batista, e é uma excelente pessoa. O outro candidato é macumbeiro”. A orientação foi sussurrada por um dos candidatos a prefeito de Volta Redonda, interior do Estado do Rio, a duas eleitoras evangélicas que chegavam na seção. Devidamente “uniformizadas” — de camiseta com versículos bíblicos e Bíblia na mão —, elas ouviram a exortação, continuaram andando até serem interrompidas por outro candidato, dessa vez a vereador. “Evangélico vota em evangélico. Conto com vocês”.

Essa cena deve ter-se repetido em numerosas cidades do País no dia 3 de outubro, quando milhões de brasileiros foram às urnas. O voto dos evangélicos hoje vale ouro, e depois que os candidatos descobriram isso, ele é cada vez mais disputado. As estratégias variam desde uma aproximação para convencer o eleitor com a apresentação de idéias e programas de governo, até outra — tão mais agressiva quanto pouco ética — de trocar o voto por favorecimentos pessoais ou institucionais.

A intenção deste artigo é observar de forma breve como foi a participação desse segmento “precioso” nas eleições de 3 de outubro. Não apenas em termos pessoais mas especialmente institucionais. Não apenas os eleitores mas especialmente os candidatos.

## Para além das preferências ideológicas

Falar da presença de evangélicos na política partidária significa analisar uma das igrejas do chamado Pentecostalismo Autônomo que mais esforços têm feito para aproximar-se das raízes do poder: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A cada ano mais aparelhada — templos espalhados pelo país inteiro, emissoras de rádio e tevê, um jornal semanal com quase 1 milhão de exemplares —, sua estratégia é fortalecer as bases municipais, estaduais e federais para apoiar (ou mesmo lançar) um candidato à Presidência da República, o que lhe dará um poder de barganha para negociar projetos de seu interesse.

A participação dela no primeiro turno das eleições em São Paulo é exemplar ao mostrar que suas preferências políticas vão muito além de ideologias e idéias e descambam para as vantagens que partidos ou candidatos possam oferecer como moeda de troca. Até o início do ano, a Igreja ainda declarava apoio ao candidato do PDT, o advogado evangélico Francisco Rossi. Mas naquela época a adesão já não ia tão bem. Líderes da IURD acusa-

ram Rossi de não ser evangélico, especialmente depois que ele recusou-se a assinar um manifesto de apoio à Igreja Universal após o episódio em que o bispo Sérgio Von Helde agrediu com chutes uma imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Na realidade, esse foi o principal pretexto para a Igreja decidir retirar o apoio ao candidato. Rossi rebateu em seguida: disse que a IURD propôs apoiá-lo em troca da garantia de que duas secretarias da área social fossem entregues a integrantes da igreja. “Jamais pedimos cargos”, replicou o coordenador político da Igreja em São Paulo, o deputado federal Wagner Salustiano (PPB).

A partir daí, a Igreja começou a ser cortejada pelo prefeito Paulo Maluf (PPB). Bem que ele tentou — e jogou pesado: Pitta, afilhado político e candidato do PPB, participou de uma distribuição de alimentos patrocinada pela Associação Beneficente Cristã (ABC), entidade filantrópica ligada à Universal que recebeu R\$ 800 mil da Prefeitura de São Paulo. A verba foi liberada por Maluf, e três dias depois, um ato filantrópico da ABC na zona leste da cidade transformou-se num comércio de Pitta. “Trouxemos uma pessoa muito especial, que está ajudando a ABC a ajudar vocês”, disse o pastor Ronaldo Didini ao apresentar Pitta. “A ABC tem vida própria, mas a candidatura de Celso Pitta tornou-se a menina-dos-olhos da entidade pelo compromisso de manter os projetos sociais”, comentou Didini. Houve entrega de panfletos do candidato malufista.

Esse “romance”, porém, foi interrompido pelo ministro das Comunicações, Sérgio Motta. Apesar de a Igreja garantir que o apoio dos fiéis ao tucano José Serra baseou-se na promessa de uma “efetiva participação” nas obras sociais da administração municipal, a mudança de partido não se deveu apenas a isso. O que circulou na época foi que a igreja do bispo Macedo teria pedido a intervenção do ministro nas investigações fiscais iniciadas há cinco anos em sua contabilidade. Bastou o Conselho de Bispos da Universal anunciar que o candidato a partir daquele momento era José Serra para que os fiéis trocassem de camisetas, bandeiras e bonés. E que troca: 20 mil bandeiras foram dadas durante inauguração de um templo da Igreja na zona leste paulistana. “Acredita em nós e vota no Serra”, pediu o pastor Júlio César, da sede da igreja no Brás. Na entrada do templo, uma faixa evidenciava a preferência política: “Vamos orar pelo candidato a prefeito Serra”.

Com a derrota de José Serra, o “namoro” da IURD com Celso Pitta está prati-

camente reatado. “Se o próximo prefeito nos chamar para uma parceria, nos permitir ajudá-lo na construção da cidade e não quiser só os nossos votos, poderemos apoiá-lo”, disfarçou alta fonte da Igreja. A mesma fonte disse que a IURD pode orientar os fiéis a votar no candidato do PPB. Orientar? “Damos a orientação, mas cada um escolhe quem quiser”, explicou. A verdade não é bem assim. Desde o momento em que ela escolhe um candidato, a campanha é agressiva. Durante o apoio a Serra, um pastor foi claro: “Quero que se dane a política. Estamos preocupados com que ele ganhe porque a vitória dele é importante para nós. A derrota dele vai ser um inferno”, ameaçou. “Nosso povo é fiel. Elegemos até poste”.

## A participação da Igreja Universal no primeiro turno das eleições em São Paulo é exemplar para mostrar que suas preferências políticas vão muito além de ideologias e idéias

declarou outro líder da Igreja, referindo-se à influência dos pastores junto aos seguidores. Alguns números dão a dimensão disso: no Rio de Janeiro, dos cinco vereadores evangélicos eleitos, três pertencem à Igreja; em Belo Horizonte, Maria Helena Alves (PFL), também ligada à Universal, foi a mais votada, com mais de 13 mil votos (a IURD elegeu ainda mais um representante).

## Usando o nome de Deus em vão

Se na batalha pelo voto dos evangélicos vale quase tudo, por que não escolher Deus como o principal cabo eleitoral? Essa foi a estratégia utilizada por muitos candidatos, quase sempre com propostas vazias. Um deles, evangélico, prometeu criar “dois centros de louvor para o povo de Deus se reunir”. Outro, integrante da Assembléia de Deus, propôs a criação de um monumento à Bíblia. Afinal, se a cidade tem um monumento aos pracinhas e a Zumbi, “por que não um à vida eterna?”, perguntava.

A postura do candidato a prefeito de São Paulo, Francisco Rossi, também merece atenção. Evangélico, ele alternou o uso de símbolos religiosos — Bíblia e músicas evangélicas, principalmente — de acordo com o sobe-e-desce dos números das pesquisas eleitorais. No início da

campanha, afirmou que nunca tinha entrado numa igreja para pedir votos dos fiéis nem apoio de pastores. “Vou como fiel”, garantiu. Depois da investida da Igreja Universal ao público evangélico, Rossi retomou o discurso religioso, justificando que a mudança de postura deveu-se à “orientação do Espírito Santo”.

Aliás, segundo revelou, o Espírito Santo lhe garantiu a vitória nas eleições. “Quando é uma coisa importante, o cristão tem de colocar a petição específica, por exemplo: ‘Meu Deus, é no Rossi que devo votar? Me responda’, e Deus responderá claramente (para votar no Rossi)”. Rossi ficou em quarto lugar.

## Sinais de esperança

Percebemos que grupos evangélicos ainda carecem de um amadurecimento quando o assunto é política. Mais do que favorecimentos pessoais ou institucionais, os cristãos são chamados a mostrar sua fidelidade ao Evangelho através de uma mudança de postura que privilegie, em primeiro lugar, a vida, a justiça, a solidariedade e a igual oportunidade a todos.

Felizmente há posturas diferentes e parcelas de evangélicos que têm uma preocupação com a garantia da cidadania e com a transformação da sociedade. Um exemplo é o Movimento Evangélico Progressista (MEP). Desenvolvendo um trabalho de reflexão, com seminários, debates e painéis, o grupo quer mudar a cara da participação política dos evangélicos, marcada na maior parte das vezes por impulsos oportunistas. Nestas eleições, ele divulgou um documento no qual estabelece três aspectos para serem pensados no contexto da política partidária: transformação (“é preciso mudar nosso entendimento para que experimentemos ‘qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus’”); vida com fartura para todos (“nosso compromisso de fé é com a luta por oportunidade de plena realização do ser humano como criatura do Deus Pai”); e esperança cristã (“esperamos de nós mesmos e dos carismas que recebemos de Deus para usarmos em sua obra”).

Se esses critérios — e mais outros — forem utilizados por candidatos e por eleitores, podemos acreditar em mudanças. Mesmo a médio e longo prazos, será possível construir e fortalecer conceitos de participação, cidadania e democracia, baseados na ética cristã a qual somos chamados a viver como “sal” e “luz”.

Paulo Roberto Salles Garcia é jornalista metodista, editor de CONTEXTO PASTORAL e integra a equipe de KOINONIA.



# Carta ao povo brasileiro

Queridos irmãos e irmãs,

Nós, representantes de diversas igrejas cristãs, membros do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) e da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), desejosos de reviver o espírito de Jesus Cristo, queremos nos comunicar com vocês, irmãos e irmãs na mesma fé cristã, com as pessoas crentes de outras religiões e expressões culturais e com todos os que buscam a justiça e a paz. Queremos saudá-los como os primeiros cristãos iniciavam suas cartas: "Que a graça e a paz estejam com vocês!"

Somos discípulos e discípulas de Jesus de Nazaré que resumiu sua missão neste mundo dizendo: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância." (João 10.10). Por isso, em nome de Jesus, queremos chamar a atenção de vocês para o que está acontecendo no campo brasileiro e propor que nos unamos na busca urgente de uma solução adequada. Confessamos que nossas igrejas e nós mesmos não temos sido suficientemente críticos frente à "injustiça institucionalizada" que domina nossa política econômica, frente à violência cotidiana que acontece no campo brasileiro, quase sempre sem a punição dos responsáveis. Os massacres de Corumbiara (Rondônia) e Eldorado de Carajás (Pará) são, no momento, os casos mais tristemente notórios, que carecem até da designação de juízes especiais.

Somando nossas vozes às de todas as vítimas destas injustiças, sentimos-nos na obrigação de recordar a condenação que os profetas bíblicos pronunciaram contra os responsáveis por situações semelhantes: "Pois eu sei como são numerosos os seus crimes e graves os seus pecados: exploram o justo, aceitam subornos e enganam os necessitados no tribunal!" (Amós 5.12). "Ai daqueles que juntam casa com casa e emendam campo a campo, até que não sobre mais espaço e sejam os únicos a habitarem no meio do país." (Isaías 5.8). "Vejam o salário dos trabalhadores que fizeram a colheita nos campos de vocês: retido por vocês, esse salário clama, e os protestos dos cortadores chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos." (Tiago 5.4).

Reconhecemos, como evangélica, a teimosa luta dos muitos sem-terra existentes em nosso país, ao lado dos posseiros, índios, remanescentes de quilombos, extrativistas e tantos outros grupos que lutam pelo direito de uso diferenciado da terra. Eles nos revelam que a terra deve ser patrimônio e lugar e fonte de vida para todos os seres vivos. Quebrar os grilhões, legais ou não, que mantêm cativa a terra, é ato evangélico, pois torna possível a realização da esperança de vida para milhões de excluídos. A democratização da propriedade e do uso da terra é caminho indispensável para superar a fome, para dar valor a todo o trabalho, para libertar a população do domínio dos que assentam seu poder no controle dos meios mais elementares da vida.

Há dez anos, o CONIC dirigiu-se ao povo brasileiro, declarando que "só uma reforma agrária, que mude a estrutura fundiária do país, trará paz ao campo e o fim da fome que assola nosso povo". Neste final de milênio chamado cristão e 500 anos após a colonização do Brasil, estas palavras, infelizmente, ressoam atuais e questionadoras. Ao examinar a situação do povo brasileiro, a estrutura fundiária do Brasil e a insensibilidade de muitos setores da sociedade e das igrejas, sentimos pesar sobre nós a responsabilidade diante da qual o Senhor da História nos julgará. Ele poderá nos expressar a mesma indignação que nós sentimos em relação aos que promoveram e permitiram o genocídio dos índios e a escravidão dos negros.

Convictos de que vivemos um momento favorável, queremos conclamar a todos os cristãos e as pessoas famintas de justiça para nos organizarmos e exigirmos da sociedade e dos governantes brasileiros a realização urgente de uma reforma agrária ampla, justa e integral. Junto com outras medidas que ampliem oportunidades de vida e de trabalho, ela concretiza para nós a utopia da Paz, Justiça e Integridade da Criação.

Em nosso nome e em nome de nossas igrejas, colocamo-nos a serviço deste ideal. Como gesto deste nosso compromisso, estamos apresentando à nação o livreto "Os Pequenos Possuirão a Terra", uma ferramenta que as igrejas oferecem às congregações locais, comunidades e grupos populares em geral, a fim de que cresçam em consciência e na solidariedade à causa da justiça, fundamento do mundo que queremos construir.

Convidamos a todos para nos unir em oração (...) e meditação pela paz e justiça no campo. Estaremos seguindo o caminho daquele que "derruba do trono os poderosos e eleva os humildes", daquele que promete estar conosco "todos os dias, até o fim do mundo" (Lucas 1.52; Mateus 28.20).

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC

*Dom Glauco Soares de Lima*

Bispo-Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil  
Presidente

*Pastor Ervino Schmidt*

Secretário-executivo

Coordenadoria Ecumênica de Serviços – CESE

*Dra. Getraude Wanke*

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil  
Presidenta

*Enilson Rocha Souza*

Secretário-executivo